



Entre a crise e a caldeirinha

O governo Sarney tem estranhos hábitos de planejamento. Precisa recolher-se à Serra dos Carajás para, longe dos telefones e das agendas diárias sutocantes, poder com seus ministros planejar o país, na paz telúrica da floresta amazônica.

Agora, de volta ao torvelinho dos gabinetes, os ministros começam a soltar seus balões de ensaio de projetos, rumo à estratosfera pátria. Curioso método, vindo da velha república, de consultar a sociedade sobre os designios do país. Alguns desses projetos ideias vingarão, outros serão objeto de negociações, outros não resistirão ao impacto dos primeiros torpedos destruidores.

O mais delicado desses projetos, partindo do Ministério da Fazenda, é o da criação de uma **holding**, de um conglomerado de empresas estatais, onde se pretende que as com bom desempenho financeiro (como a Petrobrás e a Vale do Rio Doce) financiem suas congêneres com má saúde, como a Siderbras. Projeto economicamente interessante para o controle do déficit público e já adotado com bom proveito na Itália e outros países, mas de vendagem política difícil, pois esvaziaria os ministérios que hoje ditam as políticas dessas estatais. Talvez acabemos tendo aqui uma versão de **holding** à brasileira, nem tanto ao mar nem tanto à terra, se é que esse todo não submergirá num novo lodaçal de burocracia.

Há, porém, projetos menos polêmicos. O Ministério do Interior, por exemplo, vem com uma proposta de estabilização e melhoria de vida para o fluxo interno migratório, esboçando um projeto de fixação do homem no interior dos estados, seja em meio rural ou urbano, dotando essas populações carentes com melhores recursos em infra-estrutura, aliviando assim a pressão sobre as metrópoles. É um projeto para conjugar-se a quatro mãos com a reforma agrária, venha esta em grande ou pequeno formato.

Ainda voltado para o campo temos o Ministério da Irrigação pretendendo montar no Nordeste 1 milhão de hectares de terras irrigáveis, o que supostamente resolveria nosso drama de país agrícola que precisa importar cereais. Ai, mais uma vez teria que acertar-se com a reforma agrária.

Outra proposição, também gigante, provém do Ministério dos Transportes, onde além da conservação e finalização das atuais rodovias federais, se teria o asfaltamento, ou reconstrução de trechos da Transamazônica. Além, dessas tarefas hercúleas, como a conclusão da Ferrovia do Aço, teríamos mais o traçado da ferrovia Norte-Sul, profundamente interessante e inovadora para as regiões do centro do Brasil, avançando a estrutura de um país único, ligado pelo eixo de Tordesilhas, quem diria... Mais uma vez os planos do Ministério dos Transportes vão bolir com os migrantes do Ministério do Interior e com os novos proprietários do Ministério da Reforma Agrária.

Assim vão se fechando as peças do mosaico capitalista do Brasil: decência aos pobres, riqueza responsável (?) aos ricos e paz geral sobre o país. A consolidação da utopia possível de Hélio Jaguaribe?

Na verdade, se são grandiosos os planos, nada nos dizem se vão redimir os déficits de uma nação ainda miseravelmente hipotecada ao exterior, de olhos fixos nos sinais vermelhos periodicamente acessos pelo comércio exterior.

Mas o governo Sarney tem "pé quente", como diria Ziraldo, ou tem humor positivo como lembra o sempre irascível Millôr.

No fundo, porém, além de todos os humores ministeriais e sociais, a grande batalha vai se travar sobre a questão de quem-abiscoita-o quê dentro dos 40 bilhões de dólares que Sarney quer investir durante seu governo.

O empresariado industrial paulista já mandou recado: se o governo federal não investir pesadamente a juros subsidiados (dinheiro nosso, público), via BNDES, não terão (?) condições de manter crescimento acelerado além de dois ou três anos. É o outro lado da economia brasileira, o principal, reclamando (sempre em nome da camisa verde-amarela), as benesses de uma industrialização de mãe-estado para filho-empresário.

Talvez consigam mais uma vez. Nem o presidente nem ninguém tem detalhes técnicos suficientes para saber o que procede ou não. Assim, afinal, entre a expansão da industrialização no Sudeste, particularmente em São Paulo, e as propostas regionalizantes dos ministérios, onde ficará a idéia de um país maior e melhor?

Como distribuir o grande bolo de recursos do BNDES e de outras agências estatais de financiamento da economia? Entre os grandes e tradicionais empresários responsáveis pelo processo de acumulação de capital no país? Ou entre as miríades, as milhares de pessoas das classes média e baixa que querem ter seu próprio negócio? Capitalismo monopolista ou democrático?

Essas são no fundo as duas opções do presidente Sarney. Ou bem interiorização do país com descentralização do poder econômico ou bem concentração na industrialização em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O ministério econômico é construído pela última hipótese. O resto dos ministérios pela segunda.

Assim, só nos resta esperar no que vão dar esses objetos voadores, até que se desfaçam nas pesadas nuvens do inverno nas eleições de novembro.